



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO CULTURAL

GRUPO EXPERIMENTAL DE CINEMA

Acervo Digital

Walter
da Silveira

7^o

ESPETÁCULO

DE

FILMES DE ARTE

18 de maio de 1968 - 20,30 horas

SALÃO NOBRE DA REITORIA

FESTIVAL HOLANDÊS

Primeiro programa

- 1) "Espelho da Holanda", de Bert Haanstra
- 2) "E o mar já não era...", de Bert Haanstra
- 3) "Lancemos as rêdes", de Herman van der Horst
- 4) "Vidro", de Bert Haanstra
- 5) "Vincent van Gogh", de J. Hulsker

Principais prêmios internacionais

"Espelho da Holanda": Palma de Ouro, de curta-metragem, Cannes 1951

"E o mar já não era..." Grande Prêmio no Festival de Bruxelas de 1956

"Lancemos as rêdes": Palma de Ouro, de curta-metragem, Cannes 1952.

"Vidro": Urso de Ouro, de curta-metragem, Berlim 1958; Oscar do melhor filme documentário, em 1960.

Num inquérito da Unesco sobre "La información en el mundo" publicado em 1956, a Holanda aparece como um país de alta cultura cinematográfica. Possuindo 513 salas de espetáculo, com capacidade para 237.000 espectadores, sua frequência média era, então, de 59 milhões por ano. Havia 25 companhias produtoras. Importavam-se mais de 400 filmes por ano, a maior parte dos Estados Unidos, seguido pela França. No entanto, em 1953, somente se fizera uma fita de longa metragem.

Por que?

A tradição da Holanda como país cinematográfico não vem da longa metragem. Ainda que historicamente se pudesse buscar algum filme dramático de certa importância no passado holandês, todo o seu prestígio como nação criadora decorre do trabalho de seus cineastas como autores de curtas-metragem, particularmente de documentários.

Aquelas 25 companhias lembradas no inquérito da Unesco dedicavam-se a filmes curtos. E o Departamento Cinematográfico do Ministério da Educação, Artes e Ciências investe anualmente uma parte de suas verbas no fomento da produção de películas artísticas, experimentais e culturais. Muitos dos documentários que tanto êxito internacional alcançaram foram custeados por esse organismo estatal ou pelo Serviço de Informações do governo. Além disto, a Fundação do Cinema Educativo dos Países Baixos produz, cada ano, doze fitas, utilizando centenas de projetores para exibí-las nas escolas. Há, aliás, cerca de 2.500 escolas com projetores próprios.

Tôdas essas condições têm permitido aos realizadores de outras gerações continuar a glória daquele que é, sem dúvida, o maior documentarista vivo — Joris Ivens.

Joris Ivens começou sua carreira ainda na época do cinema mudo: "A ponte", que é de 1928, e "Chuva", de 1929, já o mostravam um grande autor fílmico,

pela beleza dos planos e a exatidão da montagem. Depois, "Zuiderzee" confirmava-lhe a reputação, que "Terra de Espanha" (1937), "400 milhões" (1939), (A Indonésia chama" (1946), "O canto dos rios" (1954-55), "O Sena encontrou Paris" (1957), entre outros, elevam à maior admiração. Homem de uma fecunda fraternidade, cuja presença na Europa, na América ou na Ásia comove quantos lhe conheçam o calido humanismo, a doce humanidade e o talento invulgar, Ivens é uma glória legítima desses Países Baixos que souberam, sem perda do amor ao mar, defender sua terra contra o ímpeto oceânico que a destruía. Bem ele diria: "O cinema ajuda a compreensão e a amizade entre os povos". E haveria de completar: "E preciso, todavia, traduzi-lo em valores humanos, individuais e simples que aprofundem com paixão os fatos gerais e que atinjam assim esse grande fim: a solidariedade".

Herdeiros de Ivens, Bert Haanstra e Herman van der Horst, depois dele, são os cineastas maiores que a Holanda já deu. São também mestres indiscutíveis do documentário, honrados com prêmios em tantos festivais internacionais, desde que em 1951, Cannes conferiu a Palma de Ouro a "Espelho da Holanda". Revelando, como Ivens, que o tema da água e o fundamental entre os cineastas holandeses, Haanstra, nesse filme, vê toda a paisagem de Amsterdã refletida nos canais. Os moinhos, as casas do Século XVII, os barcos têm sua existência pelo reflexo na água, são maravilhosas sombras em imagens puras. Desse virtuosismo cinematográfico, Haanstra passou a uma visão mais direta de seu povo em "E o mar já não era": a fim de guardar, de um processo de perecimento, o típico das margens do antigo Zuiderzee, drenado pelo progresso, a Câmara passeia sobre o folclore dentro de sua estrutura histórica em transformação: "o que era antigo morre, à medida que surge uma nova vida nas novas terras". "Vidro" tem outra origem e possui outra intenção: contrasta o trabalho com o industrial, mostrando o empenho cria-

tivo dos sopradores de vidro de Leerdam perante o papel meramente automático das máquinas que fabricam garrafas em série. Como tanto se tem salientado, aqui está um exemplo magnífico da combinação de imagens com música concreta.

Herman van der Horst compete com Bert Haanstra. "Lancemos as redes" situou-o internacionalmente no ano seguinte ao da primeira vitória de Haanstra. Também triunfou em Cannes, com a sua problemática da pesca do arenque no Mar do Norte, o elogio do valor humano através do trabalho. Ainda uma vez, o tema da água, a tensão da passagem marítima, a necessidade de amá-la mas também, de vencê-la. Os pescadores de Doggerbank foram vistos por esse conservador de museu convertido ao cinema com uma grande força lírica e épica. A partida para a pesca, igualmente à volta, respira uma beleza encantatória, enquanto a própria tarefa realizada em pleno mar bravio vale como um sopro quase trágico. Um canto, em qualquer caso.

Sem a grandeza dos dois, o doutor Hulsker, diretor do Museu de Belas Artes de Haia, nos dá, entretanto, um ótimo retrato de "Vicente Van Gogh". Não se limita a mostrar os lugares em que o artista viveu nem de relacioná-los com os seus quadros: esforça-se por nos fazer sentir por suas telas depois de morto. Para essa tentativa original, o realizador se vale da correspondência trocada pelo pintor maldito com seu irmão Theo, que o protegeu. Em vinte minutos, ergue-se todo o drama de um homem de gênio para quem a luz e a cor foram os únicos motivos de sobrevivência.

Walter da Silveira

UMA PROGRAMAÇÃO
DO CINEMA UNIVERSITÁRIO